



MISTURAS DO ROMÂNICO: ficha de espécie

Nome vulgar: Torga, urze-vermelha, urgueira, chamiça

Nome Espanhol: brezo rubio

Nome em Francês: bruyère

Nome em Inglês: Spanish heath

Nome científico: *Erica australis* L.

Distribuição:

Esta espécie de urze é nativa da Península Ibérica e NW de África e pertence à família botânica das Ericaceae, também do grupo das plantas com flor (Angiospermae). Em Portugal ocorre em todo o território continental, com distribuição mais acentuada no noroeste e nas regiões do interior norte e centro. Frequente nas montanhas de clima temperado (NW) e montanhas e planaltos interiores de clima mediterrânico e em zonas perturbadas por fogos. (Bayer, 2003; Flora-on, 2014).

Outras espécies da mesma família são por exemplo: *Arctostaphylos uva-ursi* (L.) Spreng. (uva-de-urso), *Arbutus unedo* L. (medronheiro), *Calluna vulgaris* (L.) Hull (caluna, mongariça, queiroga), *Rhododendron* sp.pl. (rododendros), *Vaccinium myrtillus* L. (mirtilho).

Ecologia:

Arbusto perene, de porte mediano (até 2,5m de altura), ereto e frondoso. Matos xerofíticos e bosques abertos, por vezes junto de quercíneas (e.g. carvalho-negral e carvalho-Português). Preferência por substratos siliciosos e ultrabásicos, zonas com exposição solar. Forma comunidades xerófilas com estevas e outras espécies arbustivas (Bayer, 2003; Flora-on, 2014).

Uma das características peculiares de *E. australis* é a formação de uma grossa cepa basal lenhosa, principalmente depois de queimada ou de intensamente pastoreada. *Cepas* ou *torgos* são as designações populares destas raízes lenhosas que podem atingir 50cm de diâmetro. Correspondem a um espessamento dilatado da parte superior da raiz e colo da planta, onde se encontram numerosas gemas de renovo que brotam com vigor ao ser eliminada a parte aérea. Promove-se assim a formação de nova parte aérea e intensa floração. A madeira das cepas é dura, resistente e quando queimada tem elevado poder calorífico (Carvalho, 2010; Carvalho e Ramos, 2012).

Ao que parece a urze-vermelha desenvolve mecanismos de alelopatia, ou seja produz metabolitos secundários que afetam o crescimento e o desenvolvimento normal de outras espécies, podendo até inibir a germinação do banco de sementes do solo. Deste modo, a *E. australis* pode competir com vantagem e dominar a composição dos matagais (Ginés-López, 2007).

Características morfológicas com interesse:

Caulos lenhosos, mais ou menos estriados, de casca pardo-avermelhado. Folhas lineares, em grupos de quatro, dispostos em espiral. Flores (2-6) em inflorescências racemosas (tipo cacho), situadas na extremidade de raminhos laterais. Corola rosada do tipo tubuloso – campanulado. Os estames, com anteras cujo ápice é ligeiramente saliente em relação à corola (conjunto das pétalas). Fruto é uma cápsula ovoide de 2,5-3mm de diâmetro, com várias sementes muito pequenas (0,6-1mm). Floresce no final do inverno e início da primavera, conferindo uma cor rosada à paisagem montanhosa (Bayer, 2003).

Imagens disponíveis em Flora-On (2014) www.flora-on.pt.

Usos tradicionais:

Ao contrário da carqueja (*Genista tridentata* L., família Leguminosae), a *E. australis* não aparece como uma espécie medicinal relevante na maioria dos estudos etnobotânicos realizados em Portugal. A sua importância advém mais dos usos agroecológicos e tecnológicos, em particular, no que se refere à sua utilização como lenha de elevado poder calorífico e ao fabrico tradicional de carvão. Dada a sua semelhança morfológica com outras espécies de Ericáceas, com reconhecidas aplicações medicinais (e.g. *Erica cinerea* L. e *Calluna vulgaris* (L.) Hull), é provável que o uso medicinal da *E. australis*, relativamente recente, esteja associado às aplicações tradicionais das outras espécies e ao aumento da



INFUSÕES®
E HISTÓRIA

procura de produtos naturais.

Algumas referências indicam o uso da infusão de flores secas para o aparelho urinário, controlo do volume prostático e funcionamento dos rins (Neves et al., 2009). À infusão também se atribui propriedades diuréticas (Camejo, 2007). Ainda, há algumas recomendações relativas ao uso externo da infusão e decocção para desinfeção de feridas (Sales, 2011).

A *E. australis* é considerada uma excelente planta melífera. O néctar destas flores dá origem a um mel de cor escura característica e sabor forte, muito apreciado.

A madeira de *E. australis* é densa e resistente; pela dureza e bom timbre que proporciona, os caules lenhosos são utilizados para as ponteiras das gaitas de foles e castanholas dos pauliteiros. A madeira é semelhante à do buxo (*Buxus sempervirens* L.) mas não empena tanto. Contudo, nem sempre é fácil encontrar paus com a grossura necessária. Para que não rache ao ser trabalhada e dure mais, as varas extraídas são previamente cozidas em água (Carvalho e Ramos, 2012). Noutras épocas, as inflorescências secas de flores ainda por abrir alumiam a casa e a igreja; eram as *candeias* ou *candeeiras* (Carvalho, 2010). As cepas ou raízes, designadas por *torgos* ou *torgas*, são habitualmente recolhidas, armazenadas e queimadas nas lareiras. Tirando partido das suas características combustíveis, outrora usavam-nas para fazer carvão que era transportado em burros e vendido para os fogões de lenha, fornos de pão, forjas e lagares (Carvalho, 2010).

Em muitas áreas rurais do norte de Portugal e Espanha a *torga* é usada para as celebrações relacionadas com a tradição pagã das festas do solstício de inverno, entre 26 e 30 de Dezembro. Por exemplo, no Ritual do Dia das Urzes (Santo Estevão, dia 26) e da Festa da Velha e do Carocho (S. João Evangelista, dia 27), celebrados em Constantim, Miranda do Douro, os rapazes carregam as cepas que juntam em pilha no largo da igreja onde será acesa a fogueira, na qual se cozerão os tremoços para distribuir pelo povo no dia de santo Estevão. É também à volta desta fogueira que o Carocho e a Velha (personagens mascarados) representam e dançam, acompanhados pelos pauliteiros, depois de terem percorrido as ruas da aldeia durante o dia (Carvalho e Ramos, 2012).

É muito utilizada como planta ornamental tirando partido da vistosa e duradoura floração. Existem no mercado de jardinagem inúmeras variedades cultivadas (cultivares). Consultar <https://www.heathersociety.org/category/heathers/erica-hardy/australis-corolla-not-white/>.

Fitoquímica:

Vários trabalhos experimentais relativamente recentes abordam a composição química dos óleos essenciais de *E. australis* (e.g. Dias, 2011) e as propriedades medicinais e o potencial terapêutico de extratos das suas flores e folhas (e.g. Dias et al., 2015; Nunes et al., 2012; Nunes e Carvalho, 2013). Em geral estes estudos mostram que as folhas e flores da *E. australis* são fontes promissoras de ingredientes funcionais e antioxidantes, eficientes como agentes preventivos de algumas doenças. A espécie tem um perfil interessante de compostos fenólicos (e.g. antocianinas) e de aminoácidos, em particular leucina, que favorecem a sua aplicação como agente antimicrobiano (Nunes et al., 2012; Nunes e Carvalho, 2013).

O ácido gálico, composto maioritário identificado no extrato aquoso de *E. australis*, tem uma vasta gama de atividades farmacológicas e biológicas, incluindo actividade antioxidante e antitumoral, anti-inflamatória, antialérgica, analgésica, antibacteriana e antifúngica (Dias, 2011).

Segundo Dias (2011) o composto maioritário detetado no óleo essencial (oct-1-en-3-ol) é utilizado como aditivo alimentar a baixa concentração e inibe o crescimento de microrganismos. Ainda, um outro composto (α -terpineol) apesar de presente em pequena quantidade tem comprovada actividade antibacteriana e anti-inflamatória *in vivo* (Dias, 2011).

Consumo e advertências:

A eficácia dos usos documentados e os potenciais efeitos indesejáveis inerentes ao seu consumo não estão confirmados por ensaios clínicos. Aconselha-se os consumidores a procurarem apoio de um profissional, antes de iniciar um tratamento, qualquer que seja.

Contudo, não parece haver objeções de maior ao uso desta espécie como agente corretor de sabor (American Botanical Council, 2016). Mais informação disponível em <http://cms.herbalgram.org/commission/Monographs/Monograph0196.html>



INFUSÕES[®]
E HISTÓRIA

Informação adicional:

Outras espécies desta família prosperam em ambientes muito semelhantes aos da *E. australis* e também se lhes atribuem propriedades medicinais. Alguns exemplos são:

A queiró (*Erica cinerea* L.) que forma mata rasteira, folhas lineares em grupos de 3. Inflorescências em espigas de umbelas axilares de 1-3 flores. Corola urceolada (em forma de urna), cor púrpura, rosada ou violácea, com as anteras recolhidas no interior da corola. Espectro de floração ocorre desde o início de junho ao final do verão.

A caluna ou mongariça (*Calluna vulgaris* (L.) Hull), pequeno arbusto, de folhas escamiformes (forma de escama) e oposto-cruzadas, dispostas em grupos de 4. Espigas de numerosas flores rosadas, axilares, com pedúnculo curto e por isso algo pendentes. Floresce no final do verão, outono.

A urze-branca (*Erica arborea* L.), arbusto ou pequena árvore, caules de cor pardo-amarelada, folhas lineares e eretas, inflorescências umbeliformes muito numerosas, no ápice de raminhos curtos, flores brancas. Melhor adaptada a sítios algo sombrios, observa-se em matagais, bosques abertos e orlas de carvalhais. Floração de janeiro a junho.

Imagens disponíveis em Flora-On (2014) www.flora-on.pt.

Segundo Font Quer (1999), Dioscórides (40 - 90 dC) aborda o género *Erica* no capítulo 97 do primeiro volume, da sua obra enciclopédica *Materia Medica*. No entanto, a descrição das características botânicas e propriedades terapêuticas das diferentes espécies de *Erica* é muito limitada, o que dificulta a distinção entre diferentes espécies a que o autor se refere e a compreensão dos principais usos, já que Dioscórides se concentra principalmente nas flores que atraem abelhas e nas características do mel que originam.

Miguel Torga é o pseudónimo de um grande poeta e escritor português Adolfo Correia da Rocha, natural de São Martinho de Anta, Sabrosa, Vila Real. O nome por que é conhecido remete para esta espécie resiliente tão frequente nas serranias da sua terra natal, a *torga*.

Sinónimias (outros nomes equivalentes que designam esta espécie):

A nomenclatura científica das plantas segue as normas do código de nomenclatura botânica em vigor, atualmente o Code of Nomenclature for Algae, Fungi, and Plants-ICN (Turland et al. 2018), disponível em <https://www.iapt-taxon.org/nomen/main.php>.

Todas as plantas são identificadas por um nome científico em latim. Este nome científico segue as regras da nomenclatura binomial e tem como características o facto de ser único (uma planta-um nome) e universal (aceite pela comunidade científica e igual em todo o mundo). Contudo, a evolução da taxonomia e a consolidação das características botânicas que definem uma dada espécie podem conduzir a alterações no nome científico de certas espécies, o que origina sinónimias, i.e. nomes científicos que foram usados anteriormente mas que foram substituídos por outros, que são agora considerados como correctos.

As sinónimias mais frequentes da *Erica australis* L. (urze) são as seguintes:

Erica australis subsp. *aragonensis* (Willk.) Cout.

Erica aragonensis Willk.

Erica occidentalis Merino

Erica pistillaris Salisb.

Erica protrusa Salisb.

Ericoides australe (L.) Kuntze

Informação disponível em The Plant List, Version 1.1, 2013 – <http://www.theplantlist.org/>



INFUSÕES[®]
E HISTÓRIA

Referências bibliográficas:

1. American Botanical Council (2016). *Heather herb and flower*, in The Commission E Monographs, 1990, disponível em <http://cms.herbalgram.org/commissione/Monographs/Monograph0196.html>
2. Bayer, Ehr. (2003). *Erica L.*, In Castroviejo, S., (eds.). *Flora Iberica* 4, 497-498. Real Jardín Botánico, CSIC, Madrid.
3. Camejo-Rodrigues, J. S. (2007). *Plantas e usos medicinais populares. Concelhos Aljezur, Lagos e Vila do Bispo*. AFLOSUL: Associação de Produtores Florestais do sudoeste Algarvio, Bordeira, Portugal.
4. Carvalho, A. M. & Ramos, M. T. (2012). *Etnoflora da Terra de Miranda*. Bragança, Portugal: Instituto Politécnico e Bragança.
5. Carvalho, A. M. (2010). *Plantas y sabiduría popular del Parque Natural de Montesinho. Un estudio etnobotánico en Portugal*. Biblioteca de Ciencias nº 35. Madrid, Portugal: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
6. Dias, P. (2011). *Caracterização Fitoquímica de Erica australis e Estudo Etnobotânico de Plantas Medicinais da Serra de Montemuro*. Dissertação e Mestrado em Química, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências.
7. Dias, P., Falé, P.L., Martins, A., Rauter, A. P. (2015). Digestibility and bioavailability of the active components of *Erica australis* L. aqueous extracts and their therapeutic potential as acetylcholinesterase inhibitors. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, <http://dx.doi.org/10.1155/2015/854373>.
8. Flora-On: *Flora de Portugal Interactiva* (2014). Sociedade Portuguesa de Botânica, www.flora-on.pt.
9. Font Quer, Pio (1999). *Plantas Medicinales, El Dioscorides Renovado*. Barcelona: Ediciones Peninsula.
10. López, Ginés (2007). *Guía de los arboles y arbustos de la Península Ibérica y Baleares*, 3ª ed. Madrid: Mundi-Prensa.
11. Neves J.M., Matosa, C., Moutinho, C., Queiroz, G., Gomes, L.R. (2009). Ethnopharmacological notes about ancient uses of medicinal plants in Trás-os-Montes (northern of Portugal). *Journal of Ethnopharmacology*, 124, 270–283.
12. Nunes, R., Anastácio, A., Carvalho, I.S. (2012). Antioxidant and free radical scavenging activities of different plant parts from two *Erica* species. *Journal of Food Quality*, 35, 307–314
13. Nunes, R., Carvalho, I.S. (2013). Antioxidant activities, distribution of phenolics and free amino acids of *Erica australis* L. leaves and flowers collected in Algarve, Portugal. *Natural Product Research*, 27, 18, 1664-1667.
14. Sales, F., (Coord) (2011). *Plantas aromáticas e medicinais do Parque Natural da Serra da Estrela. Guia Etnobotânico*. Seia, Portugal: CISE, Município de Seia.
15. Turland, N. J., Wiersema, J. H., Barrie, F. R., Greuter, W., Hawksworth, D. L., Herendeen, P. S., Knapp, S., Kusber, W.-H., Li, D.-Z., Marhold, K., May, T. W., McNeill, J., Monro, A. M., Prado, J., Price, M. J. & Smith, G. F. (eds.) (2018). *International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants (Shenzhen Code)*, adopted by the Nineteenth International Botanical Congress Shenzhen, China, July 2017. Regnum Vegetabile 159. Glashütten: Koeltz Botanical Books. DOI <https://doi.org/10.12705/Code.2018>.